

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP
ISSN: 2526-7892

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM O PROFESSOR PETER TRAWNY NA OCASIÃO DOS 200 ANOS DO NASCIMENTO DE KARL MARX (5 DE MAIO DE 2018)

Entrevista realizada por Abad Pirahmadian¹

Tradução e notas de Anna Luiza Coli²

Peter Trawny é professor da Bergische Universität Wuppertal (BUW) e diretor do Heidegger Institut. Foi professor visitante em várias universidades, dentre elas a Universität Wien (Viena, Áustria), der Tongji-University (Xangai, China) e a Södertörns Högskola (Estocolmo, Suécia), no Center for Baltic and East European Studies. Mais recentemente, foi convidado para participar como membro da Martin Buber Society na Universidade de Jerusalém. É editor das “Obras completas de Heidegger” (Heidegger Gesamtausgabe) desde 1998. É também autor de livros que têm tido ressonância mundial, dentre eles o famoso estudo que acompanhou a publicação dos primeiros volumes dos “Cadernos negros de Heidegger” e que suscitou os debates mais acalorados sobre o papel do antisemitismo em seu pensamento: o estudo “Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial”.⁴ Escreveu ainda obras autorais como “Technik, Kapital und Medium”,⁵ na qual apresenta uma topologia do mundo contemporâneo definido pela tríplice matriz técnica, capital e medium; o livro sobre a diferença entre “dentro” e “fora” como resposta à pergunta pelo “lugar” da revolução, “Ins Wasser geschrieben”,⁶ o livro “Was ist Deutsch?”,⁷ no qual discute o problema da identidade manifesta e do que de não-identidade há ainda a ser dito em termos da cultura alemã, o que em alguma medida se estende à cultura ocidental europeia. Escreveu diversos livros sobre questões políticas da Europa, como “Europa und die Revolution”,⁸ e ainda o “Europa kaputt? Für das Ende der Alternativlosigkeit”, escrito juntamente a personalidades como Yanis Varoufakis, Franco “Bifo” Berardi, Guillaume Paoli e Srećko Horvat.⁹ Mais recentemente publicou um estudo sobre a revolução em Marx: “Der frühe Marx und die Revolution. Eine

¹ Tem formação em filosofia, filologia alemã e literatura comparada pelas Universidades de Bonn, Köln e Wuppertal (Alemanha), e ainda pela Universidade de Madri (Espanha). Sua área de atuação é filosofia clássica alemã e estética. Principais publicações (ambas em persa): “Um olhar sobre a obra prima de Heidegger Ser e Tempo por ocasião de seus 90 anos”, Bonn, 2018; “Poética do dado. Uma introdução à obra de Paul Celan”, Teheran, 2000.

² É doutoranda em regime de Co-tutela pela Bergische Universität Wuppertal e pela Charles University Prague. Participa do Heidegger Institut (Instituto Heidegger) de Wuppertal sob direção e coordenação do Prof. Dr. Peter Trawny e do Institut für Phänomenologische Forschung (Instituto de Pesquisa em Fenomenologia) fundado pelo Prof. Laszlo Tengelyi na Universidade de Wuppertal, Alemanha. Endereço de email: annaluizacoli@gmail.com

³ HEIDEGGER, Martin. Gesamtausgabe. Vol. 94-97.

⁴ TRAWNY, Peter. Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial. Trad: Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

⁵ TRAWNY, Peter. Technik, Kapital und Medium. Berlin: Matthes & Seitz, 2015

⁶ TRAWNY, Peter. Ins Wasser geschrieben. Berlin: Matthes & Seitz, 2013.

⁷ TRAWNY, Peter. Was ist Deutsch?. Berlin: Matthes & Seitz, 2017.

⁸ TRAWNY, Peter. Europa und die Revolution. Berlin: Matthes & Seitz, 2014.

⁹ TRAWNY, Peter (et. al). Europa Kaputt? Für das Ende der Alternativlosigkeit. Berlin: Matthes & Seitz, 2016.

Vorlesung”,¹⁰ e um título mais recente sobre Heidegger, dando continuidade à série de sua interpretação crítica do pensamento heideggeriano, “Heidegger Fragmente: Eine philosophische Biographie”.¹¹ Nessa série de interpretações acerca do pensamento heideggeriano, Trawny publicou “Adyton”¹² sobre o pensamento esotérico e “Irrnisfüge”¹³ sobre a filosofia anarquista de Heidegger, “Heidegger, die Juden, noch einmal”,¹⁴ “Martin Heidegger: eine kritische Einführung”.¹⁵ Apesar da polémica em torno da interpretação que ele propõe do pensamento heideggeriano, Peter Trawny é sem dúvida um dos maiores expoentes da pesquisa mais recente sobre a filosofia de Heidegger.

Simbiose entre vida e pensamento

P: Peter Trawny, este ano seu livro “O jovem Marx e a Revolução” foi publicado pela editora Klostermann Verlag. Neste livro o senhor fala da *simbiose de pensamento e vida*, afirmando que “a relação do filósofo com a filosofia não é biográfica mas, por assim dizer, *sim-bio-gráfica*”. O que isso significa?

Por um lado, minha intenção ao dizer isso foi a de reconhecer que a vida de um pensador e a realidade em que ele vive se refletem e repercutem sempre em seu pensamento. Os vestígios da vida podem ser lidos tanto de um ponto de vista psicológico quanto sociológico. No início de “Para além do bem e mal”, Nietzsche afirma que não há nada de impessoal na filosofia. Concordo com isso. Por outro lado, é preciso ainda considerar que a concretude de uma vida filosófica também é atingida pelo pensamento. A relação entre a vida e o pensamento, portanto, não pode ser pensada como uma rua de mão única. No caso de Marx, isso se revela instantaneamente: sua proximidade com os jovens hegelianos, seus interesses políticos, seu engajamento, tudo isso acabou lhe desqualificando para a carreira universitária após o doutorado. Ele, então, começou a trabalhar como jornalista e, por causa de suas visões políticas, teve de deixar a Prússia logo em seguida. Há uma simbiose entre vida e pensamento, e a filosofia então se estabelece sempre de modo sim-bio-gráfico.

O senhor salienta a formulação de Marx segundo a qual a realidade precede a filosofia. Em seu livro “O desenvolvimento do socialismo, da utopia à ciência”,¹⁶ Friedrich Engels escreve que as causas últimas de toda

¹⁰ TRAWNY, Peter. **Der frühe Marx und die Revolution. Eine Vorlesung.** Frankfurt am Main: Klostermann, 2017.

¹¹ TRAWNY, Peter. **Heidegger Fragmente: Eine philosophische Biographie.** Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2018.

¹² TRAWNY, Peter. **Adyton.** Berlin: Matthes & Seitz, 2010.

¹³ TRAWNY, Peter. **Irrnisfüge.** Berlin: Matthes & Seitz, 2014.

¹⁴ TRAWNY, Peter; MITCHELL, Andrew (Orgs). **Heidegger, die Juden, noch einmal.** Frankfurt am Main: Klostermann, 2015.

¹⁵ TRAWNY, Peter. **Martin Heidegger: eine kritische Einführung.** Frankfurt am Main: Klostermann, 2016.

¹⁶ ENGELS, Friedrich. **O desenvolvimento do socialismo, da utopia à ciência.** Trad: José

transformação social e de toda convulsão política não devem ser buscadas nas cabeças humanas mas nas transformações dos modos de produção e de troca; não residiriam, portanto, na *filosofia* mas na *economia* da época em questão. Em uma entrevista para a revista “*Der Freitag*”, o senhor afirma: “tenho uma profunda desconfiança a respeito da turbo-teoria acadêmica”¹⁷ A relação recíproca entre filosofia e vida parece desempenhar um papel sobremaneira importante para o senhor. Quais são os nexos que o senhor vê entre vida e filosofia e, no caso específico de Marx, entre sua vida e suas ideias?

Mostrar a relação recíproca entre vida e pensamento é sem sombra de dúvidas muito importante para mim, sobretudo porque a universidade quer a todo custo anular essa relação. É como se o corpo fosse algo de desimportante, como se se tratasse apenas do espírito e de seu desempenho. As pesquisas sociológicas, no entanto, nos dizem outra coisa. É ainda muito raro que pessoas providas de contextos não-acadêmicos venham a ter sucesso na academia. E isso acontece não porque elas sejam mais ineptas, mas porque o hábito acadêmico não lhes é em nada familiar... e talvez ainda porque o vêem em parte como ridículo, ou mesmo porque não conseguem aceitá-lo como algo natural. Isso produz um efeito de constrangimento e embaraço, e termina por reafirmar o fato de que os iniciados no ritual da academia permanecem sendo um grupo à parte. Quem gostaria de trabalhar, dentro da academia, junto a alguém que ironiza o ritual acadêmico e que adoraria arruiná-lo? No que diz respeito à sua pergunta sobre Marx, creio que já a respondi ao concluir a ideia precedente.

A cadeia de ancestrais

Marx uma vez disse: “Os humanos fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos.”¹⁸ Se consideramos a origem judaica de Marx, que tipo de influência a linhagem rabínica de Marx pode ter tido em seu pensamento?¹⁹

Difícil dizer. Marx evitou toda reflexão sobre o próprio judaísmo. Temos, por um lado, o ensaio “Sobre a questão judaica”,²⁰ o qual, aos nossos ouvidos já tão sensibilizados, deve soar como algo absolutamente antissemita; por outro lado, o próprio Marx foi alvo de ataques antissemitas, e suas teorias foram muito

Barata-Moura. Lisboa: Editorial Avante!, 2018.

¹⁷ TRAWNY, Peter. “Der Freitag”. In: **Das Meinungsmedium**. Volume 40, 2015.

¹⁸ MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luis Bonaparte**. Trad: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução ligeiramente modificada.

¹⁹ Como afirma Werner Blumenberg em seu estudo sobre Marx, “se pensamos no caráter dos primeiros rabinos, então podemos dizer que, em Karl Marx, uma tradição secular de ensaios alcança o próprio ápice e, ao mesmo tempo, o próprio fim” (BLUMENBERG, Werner. **Karl Marx**. Rowohlt: Reinbeck bei Hamburg. 1988. P. 14).

²⁰ MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad: Nélio Schneider; Wanda Nogueira Caldeira Brandt. São Paulo: Boitempo, 2010.

rapidamente consideradas como tipicamente judaicas. Acredito que Marx pensava de um modo cosmopolita, conforme sua origem burguesa. Muito provavelmente, o internacionalismo de sua teoria revolucionária provém deste cosmopolitismo; Lênin, por sua vez, refutou a ideia de que a revolução deveria ser total, que deveria se reproduzir “em todos os países”.

A vida de um gênio no Soho, bairro londrinense de pobreza e de prazeres

Depois de ter sido expulso da Alemanha como um apátrida em 1849, Karl Marx se transfere a Londres com a família. Ali ele permanece até 1883, ano de sua morte. O exílio londrino, que se estendeu por outros 30 anos, foi um período de pobreza. Dos seus sete filhos, somente três meninas sobreviveram. A família vivia no Soho, bairro conhecido tanto pela pobreza quanto pela oferta de diversão, onde Marx era cliente assíduo da loja de penhores. Em 1856, a família se transfere para uma nova casa na parte norte de Londres. No ano de 1857, Marx escreve um livro de aproximadamente oitocentas páginas: a “Contribuição à crítica da economia política”.²¹ No famoso salão de leitura da “British Museum”, em 1867, ele escreveu sua obra-prima: “O Capital. Crítica da economia política”. Por sua dependência financeira do amigo Engels, ele foi por muitos considerados como “mandrião”. Ele nunca se libertou das inquietações financeiras. Em uma carta a Engels, escreve: “Tivesse eu sabido entabular um business qualquer! Cinzenta, caro amigo, é toda teoria, e verdejante é somente o business. Infelizmente só muito tarde cheguei a esta conclusão”. Justamente ele, Marx, que não era capaz de lidar com seu próprio dinheiro, escreveu tanto sobre o “mistério” do dinheiro, o “deus das mercadorias”. A primeira seção da obra do século, “O Capital”, é intitulada justamente “Mercadoria e dinheiro”. Em outra carta a Engels, Marx escreve: “devo, apesar de tudo, perseguir firmemente meu propósito, sem permitir que a sociedade burguesa me transforme em uma máquina de fazer dinheiro [*money-making machine*].” Como podemos pensar uma imagem mais concreta de Marx? E que papel tiveram suas dificuldades econômicas nas análises de temas como, por exemplo, “a desigualdade social” e a “pobreza”?

Creio que Marx tinha toda a razão em estabelecer a distinção entre estrutura e superestrutura e, conseqüentemente, concordo com a ideia de que nosso pensamento reaja às situações concretas da vida, mesmo que de início não sejamos conscientes disso. Por isso acho que as coisas não poderiam estar dispostas de outro modo: mesmo no pensamento de Marx confluem experiências de vida concreta, as assim chamadas “realities of life” de que fala Engels no prefácio inglês a “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”.²² A imagem de Marx é, não obstante, uma questão à parte. “Imagens” de Marx foram feitas e produzidas de acordo com os

²¹ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad: Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

²² MARX, Karl. *The condition of the working class in England. Preface to the England Edition*. Edição brasileira: MARX, Karl. “Prefácio à edição inglesa de 1888”. In: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Trad: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008. P. 74 et. seq.

mais variados interesses, os quais tiveram muito pouco que ver com a tentativa de extrair ideias filosóficas de Marx. Eu evitaria portanto propor, por minha parte, uma “imagem de Marx” qualquer – além do que já existem tantas! Façamos justiça a Marx se acreditamos na libertação humana da desigualdade social, e se nos empenhamos, mesmo que em pensamento, a este objetivo.

Das questões sociais, passando pelo primeiro socialismo, ao Manifesto

Facilmente nos esquecemos do fato de que os complexos problemas sociais e econômicos que recaíam sobre a sociedade dos séculos XVIII e XIX produziram importantes questões sociais, e que elas foram a força motriz de vários movimentos políticos. O caminho que vai do início dos movimentos operários na Alemanha, perpassa a “Liga dos Justos” (Wilhelm Weitling) e vai até o “Manifesto Comunista”,²³ escrito por Marx à idade de vinte e nove anos, junto a Engels, não é muito longo. O “Manifesto” é um texto com uma linguagem nítida, concisa, e animado por um ímpeto político vigoroso. Depois da Bíblia, é o texto mais difundido no mundo. “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo”; “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes.” Qual é o papel de Marx no desenvolvimento do Estado Social?

O Estado Social surgiu, na realidade, a partir de um contramovimento em relação a Marx. E me refiro aqui à promulgação das leis sociais sob o comando de Bismarck, feitas para evitar a eclosão dos movimentos revolucionários. Mesmo hoje o Estado Social (como na Alemanha, por exemplo, o plano *Hartz IV*) existe sobretudo para evitar a insurgência descontrolada de uma grande massa, por assim dizer, “crítica”, que poderia desencadear motins e agitações sociais. Não me parece correto dizer que o Estado Social realmente existente seja o resultado direto de determinada consciência marxista. Deste ponto de vista detemos uma história do Estado Social que deve ser pensada dialeticamente: as condições dos trabalhadores tiveram uma melhoria não graças à revolução, mas graças às medidas tomadas para evitá-la.

Capitalismo, globalização e técnica moderna

Muitos aspectos da análise do capital tal como proposta por Marx são ainda muito atuais; pensemos, por exemplo, na “globalização e na exploração, nas recorrentes crises sistêmicas (em grande parte devidas à formação de monopólios, à superprodução, à desigualdade social), na distribuição desigual da riqueza e na queda tendencial da taxa de lucro”. E no entanto, nos ambientes econômicos, as teses de Marx sobre a economia são consideradas há muito superadas. Em relação à expansão necessária do capitalismo, Marx escreve: “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.” (“Manifesto do Partido Comunista”). Sobre a propriedade privada e a

²³ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Trad: de Álvaro Pina; Ivana Jinkings, São Paulo: Boitempo, 1998.

respeito do princípio de um desenvolvimento sustentável, Marx escreve, mais de cem anos antes da famosa “Cúpula da Terra” do Rio 92: “Mesmo uma sociedade inteira, uma nação ou o conjunto das sociedades existentes em certa época, não são proprietários da terra. São simplesmente os seus possuidores, os seus beneficiários, e têm de entregá-la em melhor estado para as gerações seguintes como *boni patres familiae* [bons chefes de família], (“O Capital”, Livro III).²⁴ O filósofo parisiense Louis Althusser (1918 – 1990), um dos maiores críticos do marxismo dogmático, tenta mostrar nas obras “Pour Marx” (1965) e “Lire le Capital” (1968)²⁵ que Marx não pretendia propor um marxismo moralizante. Com “O Capital”, ele pretendia, ao contrário, apreender a sociedade em sua complexidade estrutural. Com suas análises precisas da sociedade e do capital, Marx pretendia favorecer uma visão das leis que governam o desenvolvimento histórico das sociedades, suas estruturas econômicas e as relações entre produção e consumo. O que podemos ainda hoje aprender com Marx?

Esta pergunta vem sendo recorrentemente colocada nestes dias; e quando digo ‘nestes dias’ me refiro à ocasião do ducentésimo aniversário de seu nascimento e, portanto, à ocasião de uma celebração que faz com que “Marx” se transforme, por um breve período, em um êxito de vendas que permita aumentar um pouco o volume anual de negócios. Ao celebrar “Marx”, o “mercado” celebra a si mesmo. Para o mercado é totalmente indiferente que o celebrado seja Marx ou Nietzsche ou qualquer outro que complete uma data redonda; o importante é tirar proveito disso. Para dizer de outro modo: foi o próprio Marx quem nos ensinou, dentre outras coisas, a resguardar certa atenção e sensibilidade a respeito do significado de economia. Nesse sentido, devemos nos perguntar: quem é este “nós” implícito na pergunta “o que [nós] ainda podemos aprender com Marx?” Eu não seria capaz, por exemplo, de me identificar com aqueles que justamente agora, por ocasião da celebração de Marx, embolsam ricos cachês para discutir nos talk-shows ou nas revistas de grande circulação sobre a atualidade ou a inatualidade de Marx para depois passar, talvez já no próximo ano, à celebração de um outro qualquer, provavelmente do mais novo queridinho dos *media*, por exemplo. De Marx creio que posso aprender a mesma coisa que posso aprender com todo grande filósofo: a pensar – e que o pensamento nunca é por si só suficiente...

Marx e Hegel, um conceito distinto de “alienação”

Marx critica o conceito de “alienação” de Hegel porque este seria equivalente àquele de “objetivação”. Nos “Manuscritos econômico-filosóficos”²⁶ de 1844 (também chamados de “Manuscritos de Paris”), Marx formula uma proposta de certa forma utópica: a de uma pessoa formada “em toda a riqueza do seu ser”, uma pessoa “rica e profundamente sensível a tudo como sua realidade estável” – enfim, a utopia da pessoa totalmente

²⁴ MARX, Karl. **O Capital**. Trad: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

²⁵ Ambos sem edição brasileira.

²⁶ MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. As traduções que se seguem foram levemente modificadas.

formada à qual corresponderiam os ideais anteriormente estabelecidos por Schiller em sua “Carta sobre a educação estética do homem”. Segundo Marx, uma tal emancipação só seria possível através da transformação das relações de produção. Ele escreve: “Assim, chega-se à conclusão de que o humano (o trabalhador) só se sente livremente ativo em suas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno e etc. – enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano, animal. [...] Comer, beber e procriar, etc., são também certamente autênticas funções humanas. Mas, de forma abstrata, levadas em consideração o que as separa da outra esfera da atividade humana e as transforma em finalidades últimas e exclusivas é o componente animal.” Além disso, a respeito da realização de si no trabalho, escreve: “Numa fase superior da sociedade comunista, quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente ao desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: ‘De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!’”.²⁷ Portanto, como Marx definiria o humano? Pensa-o como *animal racional*, como *zoon politikón*, ou simplesmente como um ente que modifica a própria natureza através do trabalho? Qual é a relação entre humano e trabalho segundo Marx nos dias atuais?

Segundo Marx, o trabalho assinala o ponto de distinção e diferenciação entre humano e natureza. Ele acredita, portanto, que o humano ainda tenha, por assim dizer, uma perna do lado da natureza. Os animais de fato não trabalham, simplesmente se alimentam sem fazer disso um uso particular. Não se pode dizer o mesmo a respeito do ser humano. Por um lado, o humano possui um corpo com características animais (pensemos no próprio ato sexual), por outro lado, ele pode e deve tomar certas distâncias em relação ao próprio corpo. Esta ambivalência caracteriza igualmente o materialismo de Marx. De fato, ele está convencido que o humano não seja nada além da realidade da produção, e ainda sim ele trabalha para se libertar desta mesma realidade. Há, portanto, certa proximidade entre o naturalismo e o humanismo, das quais nos fala o próprio Marx. Na ocasião das comemorações mencionadas anteriormente, pudemos até mesmo ouvir que o “teórico da revolução” não teria nenhuma ética. Isso é uma estupidez. Aquele que acredita que o humano vive para ser livre já pensa, por si só, eticamente.

Liberdade

²⁷ MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. Trad: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

Se consideramos que a liberdade se dá apenas no âmbito da sociedade e que esta se constitui unicamente no interior de um processo social, devemos aceitar que a individuação se realize como forma de segurança social “deve ser produzida coletivamente”. As instituições estatais e sociais devem ser vistas, portanto, como uma ameaça e como uma limitação à liberdade individual ou, ainda, como um seguro e uma extensão da mesma? Liberdade individual e estado de direito contrastam entre si? E, segundo Marx, estaria a liberdade coletiva contraposta à liberdade ou à emancipação do indivíduo singular?

Parto do pressuposto que o humano seja uma criatura que vive em sociedade. Essa sociedade se move por diversos interesses, os quais encontram sua expressão na política (independentemente da forma constitucional do Estado, seja ela democrática ou monárquica, por exemplo). Mas para dar força e vigor a estes interesses, o indivíduo deve se integrar em um coletivo (digamos, um partido político). Isso não significa, na minha opinião, que o indivíduo continuamente se dissolva em coletivos ou mesmo que, de todo modo, permaneça subjugado a eles. Fenômenos totalitários como os ocorridos no interior do stalinismo ou da revolução cultural chinesa não são o resultado necessário de uma situação política, mas sua forma de organização política possível até o momento de seu desmantelamento. Com toda razão Hannah Arendt entende o totalitarismo como destruição da esfera política (geneticamente derivada da esfera social). Há de fato, na revolução cultural de Mao, o propósito de transformar ideologicamente a intimidade da vida humana. E, embora essa intimidade não tenha nenhum status eterno e, portanto, embora aquilo que faça parte dessa intimidade seja historicamente transformável, o plano de uma modificação consciente da dimensão íntima do humano é totalmente desumano.

Revolução

“Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se porém de modificá-lo.” (“XI Tese sobre Feuerbach”).²⁸ Marx rejeitou as transformações dentro do sistema capitalista e se decidiu favoravelmente por uma transformação revolucionária do sistema em escala mundial. Marx está acabado enquanto revolucionário político? E o que ainda resta da ideia revolucionária do marxismo?

Já mencionei aquilo que, acredito, “permanece” de Marx; mas o que permanece do “marxismo” é já uma outra questão. O “marxismo” transformou o pensamento de Marx, em si mesmo absolutamente não-dogmático, em uma doutrina. E fomentou uma doutrinação. Isso deve evidentemente ser rejeitado. No que diz respeito à revolução, que desempenha um papel certamente importante para Marx, ela coloca ainda uma questão inteiramente distinta. Em um fragmento, Benjamin escreve: “A ética, aplicada à história, é a teoria da revolução”. De minha parte, compreendo a revolução como um evento ético; o que quero dizer com isso é que seria necessário

²⁸ Publicado na edição brasileira como: MARX, Karl. **A ideologia alemã. Karl Marx e Friedrich Engels**. Trad: Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Pp. 99 et. seq.

desenvolver uma ética da revolução (e o digo mesmo se muitos pensadores da esquerda recusam esta ideia). Tal ética não teria, inicialmente, nada que ver com o próprio acontecimento da revolução. As revoluções acontecem – ou não. Somente um pensamento como o de Francis Fukuyama e seu discurso do “fim da história” poderia duvidar do fato de que as revoluções ainda sejam possíveis. Pessoalmente não concordo com ele. É uma questão de pensar dentro de arcos temporais macroscópicos, e então a história se abre novamente em um espaço de manobra em relação ao qual não podemos, na realidade, fazer nenhum tipo de prognóstico. Quais serão as consequências das transformações climáticas em uma escala global, ou mesmo de outras transformações ecológicas? Tudo isso resultará em uma reconfiguração da situação territorial do nosso planeta? E esta reconfiguração poderá se instaurar sem o uso da violência? Estará ela associada a ideias políticas? Não se pode saber ao certo. E é por isso que a revolução permanece uma forma de política possível.

O estilo de Marx. A filosofia na ágora.

Marx: inovador, revolucionário, visionário, demagogo ou filósofo?

Marx é considerado um demagogo político bastante persuasivo, algo como um mestre da retórica da revolta, da luta de classes, contra a escravidão do salário, etc. É visto como aquele que propagaria a luta de classes ao invés da colaboração social. Os conceitos do discurso político por ele formados produzem de fato falsas questões e falsos problemas? Seria necessário, portanto, uma profunda revisão do arsenal retórico da nossa sociedade, como alguns críticos defendem?

Em primeiro lugar me pergunto se nos é permitido definir qual retórica seja politicamente lícita e qual não. Empresas deste tipo raramente nos levam aos objetivos almejados. Pelo contrário: em geral elas suscitam o oposto. Consideremos por exemplo a tentativa de excluir a retórica da direita do espaço político das democracias ocidentais. Dizer que essa tentativa tenha de fato acontecido não é embarcar em uma teoria da conspiração qualquer mas, ao menos na Alemanha, parece evidente enquanto epifenômeno do movimento de 68. Muitos *media* eram ocupados por pessoas cujo espectro de ideias derivava deste movimento, mas que só muito raramente alcançavam a agudeza retórica do “Manifesto do Partido Comunista”. Agora que chegamos ao termo biológico desta geração, a situação colapsa sobre si mesma. A retórica de direita, reprimida durante anos, festeja seu próprio retorno. Além disso, esta é a situação a partir da qual a esquerda, já quase extinta e moribunda, deve se colocar as perguntas e pensar um novo tipo de retórica política; como isso poderá ser feito, ninguém poderia dizer. E então eu diria que sim, a retórica política passa por uma crise; e a linguagem e os conceitos de Marx, caso não sejam atualizados e repensados, não serão de nenhuma ajuda.

Marx – o alemão mais importante

Nenhum outro alemão teve maior influência mundial que Karl Marx. O que haveria de “alemão” em Karl Marx?

O que há de alemão na filosofia alemã? Sem sombra de dúvidas, Marx provém de uma filosofia e de certa consideração da filosofia relacionadas ao espírito especulativo de Hegel. Os filósofos analíticos ou positivistas frequentemente consideraram este espírito como explicitamente “alemão”. Mesmo Adorno, em sua intervenção na rádio intitulada “Was ist Deutsch?” [O que é o alemão?] enfatiza a conexão entre esse espírito especulativo e a língua alemã. Talvez seja. A filosofia alemã situa-se na tradição do pensamento ocidental, que de Atenas, passando por Roma, Jerusalém e o medievo, chega até Berlim, Paris, Frankfurt e Freiburg. Os filósofos alemães falam alemão, mas continuam a se dedicar intensivamente a esta tradição. E Marx não é uma exceção.

A última pergunta

Professor Trawny, diante do fato de que a vida – e, mais especificamente, a humana – é necessariamente limitada, qual poderia ser o papel a ser aí desempenhado pelo *humor*?

Diante da morte perco o sorriso que, em outras circunstâncias, teria um efeito vivificante.